

# ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO INTEGRAL: AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO GLOBAL

*VISUAL ARTS AND INTEGRAL EDUCATION: ARTISTIC PRACTICES AS AN INSTRUMENT FOR GLOBAL HUMAN DEVELOPMENT*

*ARTES VISUALES Y EDUCACIÓN INTEGRAL: LAS PRÁCTICAS ARTÍSTICAS COMO INSTRUMENTO PARA EL DESARROLLO HUMANO INTEGRAL*

Juliana da Silva de Oliveira Sousa<sup>1</sup>  
Maikon André Lima da Silva<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as contribuições das práticas artísticas no desenvolvimento humano global. Os temas tratados são: arte, para que serve?; abordagens criativas; público-alvo; processo e desenvolvimento; histórias que nos formam. Tais explicações buscam apresentar propostas que auxiliem o pensar e o agir no cotidiano escolar. As práticas artísticas aqui sugeridas visam promover a percepção dos educandos como sujeitos protagonistas de suas vidas, onde a educação se mostra como campo propício para pensar, sonhar, construir, alcançar objetivos. As ações realizadas em sala de aula são os pontos de conexão entre o conhecimento e o cotidiano, o que torna as aprendizagens significativas e, de fato, transformadoras.

**Palavras-chave:** Artes visuais. Desenvolvimento humano global. Educação integral. Práticas artísticas.

## **Abstract**

This article aims to reflect on the contributions of artistic practices to global human development. The topics covered are: art, what is it for?; creative approaches; target audience; process and development; and stories that shape us. Such explanations seek to bring proposals that help to think and act in the school routine. The artistic practices suggested aim to promote students' perception as protagonists of their lives, where education shows itself as a propitious field for thinking, dreaming, building, and achieving goals. The actions taken in the classroom are the connection points between knowledge and everyday life, what makes learning meaningful and, indeed, transformative.

**Keywords:** Visual arts. Global human development. Integral education. Artistic practices.

## **Resumen**

Este artículo tiene el objetivo de reflexionar sobre las contribuciones de las prácticas artísticas al desarrollo humano global. Los temas tratados son: arte, ¿para qué sirve?; enfoques creativos; público-meta; proceso y desarrollo; historias que nos forman. Tales exposiciones pretenden presentar propuestas para contribuir con el pensar y el actuar en la vida cotidiana escolar. Las prácticas artísticas acá sugeridas tienen el propósito de promover la percepción de los estudiantes como sujetos protagonistas de sus vidas, en donde la educación se muestra como campo propicio para pensar, soñar, construir, lograr objetivos. Las acciones realizadas en el salón de clases son los puntos de conexión entre el conocimiento y el cotidiano, lo que hace que los aprendizajes sean significativos y, de hecho, transformadores.

**Palabras-clave:** Artes visuales. Desarrollo humano global. Educación integral. Práticas artísticas.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais. Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: juliana\_lira87@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER. Graduado em Educação Artística pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: sanduichesderealidade@gmail.com.

## 1 Introdução

A motivação para a realização deste trabalho se deu no decorrer do estágio supervisionado efetivado em escola estadual do município de São Paulo, na verificação de relatos sobre os transtornos mentais que assolavam grande parte dos estudantes, como a síndrome do pânico, a depressão, o transtorno da ansiedade, entre outros. Os níveis mais elevados das doenças culminaram em mortes. Diante desta realidade, surgiram algumas preocupações: Como ajudar? Como intervir? Como agir?

O cenário turbulento em que a juventude estudantil está inserida não se restringe ao município paulistano, pelo contrário, infelizmente mantém-se atuante nas diversas regiões brasileiras. Vislumbrando dias melhores e na busca por superar as inúmeras barreiras, devemos continuar a mirar, na escola, esperança; mas esperança do verbo esperar, como diz Cortella:

Segundo o grande pensador da educação, Paulo Freire, é preciso ter esperança para chegar ao inédito viável e ao sonho. Cuidado! Há pessoas que têm esperança do verbo “esperar”. Esse grande educador e filósofo falava da esperança do verbo “esperançar”. Esperar é: “Ah, eu espero que dê certo, espero que aconteça, espero que resolva”. Esperançar é ir atrás, é não desistir. Esperançar é ser capaz de buscar o que é viável para fazer o inédito. Esperançar significa não se conformar (CORTELLA, c2019, n. p.).

Neste sentido, sendo a educação um direito de todos, na qual responsabilidade da escola está em garantir o acesso, a permanência e o ensino de qualidade, este espaço mostra-se propício às transformações de pensamentos, atitudes, valores, que culminarão em modificações da realidade local e consequentemente social.

## 2 Arte, para que serve?

O título “Arte, para que serve?” pode soar um tanto provocativo, não é mesmo? Mas acredite, segundo Mödinger *et al.* (2012), são inúmeras as situações em ambientes escolares, cujos profissionais (professores) se deparam com este mesmo questionamento.

Na tentativa de reverter considerações equivocadas, este trabalho busca apresentar razões para o reconhecimento e a valorização deste campo do saber e suas práticas.

Ao pensarmos em artes visuais e como estas se manifestam em nosso dia a dia, como nos afetam, somos convidados a nos ater aos objetos, discursos, estilos que nos rodeiam; afinal, estamos imersos em um universo imagético. São televisores, tablets, computadores, revistas, outdoors e afins, bombardeando-nos de informações, fazendo-nos consumidores compulsivos

e, por vezes, acrílicos. Diante desse cenário, a pergunta feita outrora — “Arte, para que serve?” — apresenta-se com resposta, pois:

As artes provocam a observação, a apreciação, o dissenso, a reflexão crítica, a fruição, a curiosidade, a experimentação, a sensibilidade, o debate de ideias, a capacidade de se surpreender, de se colocar no lugar do outro, de imaginar, analisar, produzir e confrontar formas, palavras, cores, gestos, sonoridades, de reconhecer qualidades estéticas em obras e em fazeres diversos que se apresentam no seu entorno (MÖDINGER *et al.*, 2012, p. 40).

Assim, a arte serve para nos incitar, nos fazer buscar os porquês; dessa ação reflexiva passamos a compreender a realidade com mais criticidade. Ainda sob este viés, a contribuição das práticas artísticas no desenvolvimento do educando dá-se quando, por meio dos conhecimentos estéticos, materiais, no processo de realização de algo, o aprendiz descobre-se um fazedor e encontra sua poética, manifesta o que pensa, sente e vê, compreende seu mundo e no mundo por meio da sensibilidade; assim, dá vez e voz através da imagem às questões que a fala e escrita não conseguem expressar.

### 3 Abordagens criativas

A criatividade é, como nos coloca a pedagoga Ana Carolina Dorigon:

Um elemento da essência humana, uma habilidade social e emocional que permite criar e recriar a partir de um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, ou seja, cada um de nós pode desenvolver essa capacidade que nos diferencia pela possibilidade de gerar ideias, perspectivas, soluções e apreciações do mundo (DORIGON, 2018, p. 5).

Para estimular a criatividade em sala de aula, a concepção de abordagem criativa se mostra oportuna, posto que o educador adepto desta prática de ensino se apresenta como um facilitador, sugerindo aos educandos novas maneiras de se fazer e pensar arte; procura, assim, aguçar a sua curiosidade, despertá-los para o interesse investigativo, motiva-os, tornando assim a aprendizagem mais próxima, mais significativa, o que contribui na formação de seres pulsantes e pensantes.

Na tentativa de elucidar a abordagem criativa em espaço escolar, tomemos o exemplo advindo do livro *Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes* (MÖDINGER *et al.*, 2012). Nesta obra, os autores nos apresentam quatro eixos relacionados, que auxiliam na abordagem pedagógica, ou seja, sinalizam um formato para o ensino das artes. São eles: produção artística, apreciação estética, contextualização e

compreensão das artes como construção cultural e social. Tais aspectos apoiam-se na abordagem triangular, proposta por Ana Mae Barbosa.

O primeiro eixo, produção artística, trata-se da criação e expressão de ideias. Já a apreciação estética diz respeito à leitura das obras. A contextualização situa o objeto ou a produção artística em seu tempo e espaço. Por compreensão das artes como construção cultural e social, o que temos são vínculos entre as artes, as vivências do cotidiano, outros campos do conhecimento e as atitudes interdisciplinares. A fim de elucidar tais concepções, vejamos o exercício denominado *Olhe de novo, preste atenção no seu próprio espaço!*, que diz assim:

Nas artes visuais, podemos surpreender os alunos propondo um olhar pesquisador de ângulos inusitados dos espaços mais conhecidos da escola, do bairro ou da cidade, pela produção de fotografias, vídeos, desenhos ou pinturas, inter-relacionando esta prática com pesquisas do espaço da própria casa ou de obras de arte capturadas na internet. Valorize a familiaridade dos jovens com os telefones celulares e transforme o recurso da câmera embutida em objeto de intervenção criativa a partir da linguagem das artes visuais! (MÖDINGER *et al.*, 2012, p. 47)

A intenção da abordagem criativa é estimular novas percepções. Agora tomemos outro exemplo; observe a obra *Retirantes*, de Cândido Portinari.

**Figura 1:** Retirantes, 1944



**Fonte:** masp.org.br (2020)

Pintura, com a técnica de óleo sobre tela, dimensões 190 x 180 x 2,5 cm, realizada em 1944 em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Em uma rápida leitura da imagem, temos nove pessoas dispostas no centro do quadro, entre crianças e adultos. Há um céu escuro com muitas aves, urubus. O chão de terra, parece-nos duro, com pedras e ossos, seco. Os tons terrosos e cinzas dão-nos a sensação de miséria, os corpos esqueléticos sinalizam a pobreza, o cansaço, a falta de ânimo na vida. A obra ilustra uma realidade brasileira onde, por causa da seca e fome, muitos nordestinos tornaram-se retirantes, migrando para as grandes cidades em busca de melhores condições.

Ao apresentar esta obra em sala de aula, podemos buscar os conhecimentos prévios dos alunos, se já viram, se sabem do que se trata, se conhecem o autor e assim por diante. A contextualização e a apreciação tornam-se um momento de aproximação, uma construção conjunta de significados. E o porquê desta ação? Porque os alunos possuem histórias e sabedorias, precisamos torná-los aptos ao compartilhamento. Assim, façamos uma analogia, pensemos nos educandos diante de seus computadores, tela ligada, quantas janelas são capazes de acessar? Muitas! O famoso: tudo ao mesmo tempo, agora! Neste sentido é que a abordagem criativa se mostra mais efetiva, pois está alinhada à realidade interacionista. A intenção é fazer com que o educando tenha a mesma disposição em explorar os conteúdos da aula como tem para os demais assuntos, é fazê-los se interessar. Peguemos novamente a referência do quadro, mas agora buscando estabelecer vínculos com outros temas e vivências do cotidiano; podemos, por exemplo, fazer a conexão com a questão da xenofobia; mostrar a música *Paratodos* (1993) de Chico Buarque; falar sobre a miscigenação, a necessidade de superação de preconceitos na sociedade. Propor a realização de pesquisa sobre as origens de suas famílias, regiões em que os avós, pais e eles nasceram, quais são as culinárias, os utensílios típicos da região, buscar aproximar essas realidades e coletá-las; posteriormente, realizar uma exposição, convidar a comunidade para participar, abrir a escola e assim promover um acolhimento de pessoas e histórias.

Outro modelo de abordagem criativa é a denominada aprendizagem criativa, cujo idealizador é o professor Mitchel Resnick (1956), que a desenvolveu inspirando-se nas ideias do educador Seymour Papert (1928 – 2016); por este motivo, tal proposta concentra-se em quatro pilares, os 4Ps, que são: Projetos (projects), Paixão (passion), Pares (peers) e Pensar brincando (play). Este modelo educacional visa promover indivíduos que pensem e atuem de forma criativa, colaborativa e sistêmica. Inclusive, desde 2017, a empresa Faber-Castell, juntamente com o pesquisador Léo Burd do MIT (Massachusetts Institute of Technology), vem aplicando os 4Ps em unidades escolares em diferentes regiões do Brasil.

#### **4 Público-alvo**

O ensino fundamental se subdivide em anos iniciais (1º ao 5ºano) e anos finais (6º ao 9º ano); temos este último como objeto de estudo, com o olhar voltado mais especificamente aos educandos do 6º ano. Vejamos o porquê. Diz Cortella:

Na adolescência, o jovem de 12 e 17 anos também demanda um adensamento do cuidado. Claro que cuidar de alguém é uma atividade de caráter permanente, mas

nessa faixa é preciso dedicar-se mais, assim como se dedica mais a uma mulher que está grávida, a um jovem que vai fazer vestibular, a alguém que perdeu o emprego. Toda situação que tem mais probabilidade de fragilização exige uma intensificação no modo de relacionamento. Não é que se vai dar exclusividade, mas intensificar o cuidado. Adolescência não é doença, no entanto é um período em que ocorre alteração do equilíbrio afetivo, oscilação hormonal, mudança de humor, enfim, é uma fase em que se modifica a forma de presença no mundo. Já atribuem ao adolescente requisitos de quem está virando adulto, mas ainda o tratam como criança. Aos 16 anos perguntam “o que você vai ser?”, “o que vai fazer da vida?”, mas ao mesmo tempo, dizem na cara dele “você não entende nada”, “você é um moleque ainda” (CORTELLA, 2017, p. 102-103).

Neste contexto, as palavras de Goleman surgem-nos como um complemento para o entendimento.

A puberdade – por ser um tempo de extraordinária mudança na biologia da criança, na capacidade de pensar e no funcionamento do cérebro – é também um momento crucial para o aprendizado de lições emocionais e sociais. Quanto aos anos de adolescência, Hamburg observa que “a maioria dos adolescentes tem de 10 a 15 anos quando é exposta à sexualidade, álcool e drogas, fumo” e outras tentações (GOLEMAN, 2012, p. 290).

Sendo assim, a primeira razão em atender a este público está em compreender a necessidade do acolhimento e auxílio, dadas as mudanças cognitivas e emocionais ocorridas neste período. A segunda, por acreditar ser este o momento de torná-los iniciantes nas descobertas e formação de seu ser; logo, ao oportunizar o desenvolvimento de suas referências, fazendo-os entendedores de sua existência, vislumbra-se nesta ação um futuro mais próspero, onde estes serão multiplicadores de atitudes mais conscientes, responsáveis e de valorização da educação.

## **5 Histórias que nos formam**

Sabemos do poder das narrativas, que são a exposição de acontecimentos através de imagens ou oralidade. O fato de resistirem ao tempo deve-se à necessidade humana do registro. Quer a história seja de cunho pessoal, social, real ou fictícia, o que nos encanta ao conhecê-la é a realização do exercício imaginário de construção dos fatos, adotando, claro, a perspectiva mais atraente e convidativa. Por esta razão, não é de se surpreender que, quando lemos um livro que nos fascina, ao vê-lo exibido nas telas do cinema desapontamo-nos; afinal, o que produziram não foi exatamente o que havíamos imaginado.

Uma questão que talvez surja é: mas o que isso tem a ver com desenvolvimento humano global e as práticas artísticas? A resposta é: tudo! Segundo os registros históricos e científicos, aos quais temos acesso, como livros, vestígios, dados coletados, entre outros, o Homo Sapiens

evoluiu porque encontrou meios de se comunicar; a humanidade hoje só consegue avançar porque há registros que auxiliaram na construção do conhecimento. As referências históricas nos fazem conhecer o passado, modificar o presente e vislumbrar melhoras no futuro. Ou seja, tudo está em constante movimento. Ter consciência das mudanças e buscar versões atualizadas de nós mesmos é o que nos faz desenvolver, seja enquanto indivíduos, seja enquanto sociedade. Se chegamos até aqui, as narrativas construídas ao longo do tempo, deixadas como herança, nos servem como guias para que continuemos a andança. Portanto, se há história é porque pessoas a fizeram.

No que se refere às práticas artísticas em sala de aula, no intuito de desmistificar as artes, a maneira proposta para aproximá-las dos educandos está justamente em recorrer à gênese da obra, ou seja, conhecer seus antecedentes, falar do seu processo e de seu autor. Sabe-se que a obra enquanto produto acabado, deu-se por meio de um percurso, realizado por alguém, portanto, este caminho se mostra interessante, digno de pesquisa. Tomemos o exemplo da vida da artista Frida Kahlo (1907-1954); após um acidente que a deixou entre a vida e a morte e em meio às dores, traduziu em imagens suas angústias. Mais do que obras, temos um relato de vida. Outro que buscou por meio das pinturas demonstrar suas intempestividades e a busca incessante de si mesmo, em uma tentativa de chegar à sua melhor tradução, foi Vincent Van Gogh (1853-1890).

Ao buscar responder às questões quem, que, onde, quando, por que, para que e como, podemos construir um saber pautado não no fim, mas nos meios. Objetivando trazer para perto dos aprendizes as expressões artísticas e seus mentores, mirar no entrelaçamento das histórias parece fazer grande sentido pois, quando há associação e reconhecimento, o que se conquista é o respeito e a significação. Ao entender o percurso do artista, identificando suas iras, seus erros, acertos, reformulações, suas histórias, somos capazes de reconhecer semelhanças; afinal, enquanto humanos, compartilhamos os mesmos anseios. Quando entendemos as etapas do desenvolvimento pessoal, o trajeto do indivíduo, passamos a admirá-lo por quem ele é, sua singularidade e, conseqüentemente, valorizamos os seus fazeres.

Sendo o ensino das artes visuais um campo que busca instigar nos educandos a observação e interesse pela vida, por si mesmos e pelos outros, as práticas artísticas mostram-se profícuas, pois permitem a exploração de pensamentos, sentimentos, valores, verdades, a exteriorização das vontades. Sob esta perspectiva, mais do que contemplar a arte, devemos utilizá-la como ferramenta para exprimir a nossa essência.

Ao aproximar os aprendizes das diversas histórias e manifestações artísticas, fazendo-os perceber as relações entre ele e o outro, o que se pretende é sensibilizá-los. Mostrar-lhes que

quando mudamos de perspectiva, outras possibilidades se apresentam; fazê-los entender que os horizontes das artes não são limitados; logo, apenas conhecimentos teóricos não bastam. Para que o desenvolvimento aconteça é preciso transpor os conteúdos, exercitar, pôr em prática, pois assim a aprendizagem adquirida será significativa. Segundo Pareyson (1984), citado por Gitahy *et al.* (2010, p. 62):

A arte não é somente executar, produzir, realizar, e o simples 'fazer' não basta para definir sua essência. A arte é também invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela é um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo do fazer.

Quando damos abertura e fazemos os educandos compreenderem-se como seres capazes, desbravadores de emoções e potentes, fazemos-lhes acreditar que podem mais; nesta injeção de energia, fazemos crescer suas esperanças e a alteração nos comportamentos gera transformações fora da sala de aula, pois passam a se reconhecerem como protagonistas de suas histórias. Encorajados, descobrem-se detentores de quererem, tornam-se mais abertos às interações, valorizam os elos, passam a respeitar o outro porque se sentem respeitados e pertencentes a um grupo; neste movimento simbiótico se desenvolvem, pois se humanizam.

Pensemos na escola como um corpo. Um corpo que possui extensão, que abriga inúmeros órgãos, todos com formatos e funções diferentes; neste complexo sistema, a diferença não inviabiliza, não se bloqueia, pelo contrário, entende-se a importância de cada um no espaço. Ali, devem trabalhar de maneira conjunta, pois só assim garantem o bom funcionamento do organismo; com isso, o corpo se mostra sadio e vibrante. Quando a estrutura é harmônica, desconhece o esmorecer, se desenvolve plenamente.

O espaço escolar é um campo próspero para boas histórias; por esta razão, é preciso mirar a esperança; ainda que as ações pareçam pequenas, é necessário fazê-las constantes; as práticas artísticas terão como missão manter este corpo pulsante, pensante e atuante.

## **6 Considerações finais**

Ao longo deste artigo buscou-se apresentar as contribuições das práticas artísticas para o desenvolvimento humano global. Como vimos, estas surgem como um campo destinado à experimentação e descoberta pessoal, cujo foco, durante o processo de realização, está em fazer com que o educando se perceba enquanto ser humano, dotado de vontades e que, portanto, tem nestas atividades meios para expressar o que a escrita e a fala não são capazes de fazer. Tirá-lo

do piloto automático, tornando-o mais crítico, formar pessoas dispostas a mudar de atitude, que tomam para si os problemas e encontram soluções criativas.

Como público a mirar, estudantes do ensino fundamental dos anos finais, que se inserem em uma fase turbulenta da vida e exigem maior cuidado; necessitam, portanto, que estejamos mais próximos e que lhes prestemos auxílio.

As práticas artísticas servem como campo de autoinvestigação, realização e compartilhamento; desse processo de maturação de ideias e atitudes, surgem novos comportamentos; assim, o que se produz é o desenvolvimento do indivíduo. Na condição de humanos, apoiamo-nos em referências para nos constituirmos; por essa razão, temos sempre de estar atentos e pensar nos discursos que nos rodeiam, pois, embasados nas histórias que nos cercam, vamos nos formando e formando o meio em que estamos.

## Referências

CORTELLA, M.C. **Família urgências e turbulências**. São Paulo: Cortez, 2017.

CORTELLA, M.C. O verbo esperar. *In: Mario Sergio Cortella*. [S. l.], c2019. Disponível em: <http://www.mscortella.com.br/o-verbo-esperancar-4a>. Acesso em: 18 ago. 2020.

DORIGON, Ana Carolina. Como definir e estimular criatividade. **Revista Faber Castell Educação**, São Paulo, agosto, 2018.

GITAHY, A.M. et al. **Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes**. São Paulo: Peirópolis, 2010.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

MASP. **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand**. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MÖDINGER, C.R. *et al.* **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. 1.ed. Erechim: Edelbra, 2012.